

ESPAÇO DE PERFORMANCE: INVESTIGAÇÃO NA/SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral
Valeriafabiane.ead@gmail.com
Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Nesse texto a ênfase é dada ao relato de uma ação educativa realizada em 2012 como parte de uma investigação que está sendo realizada com alunos e alunas do Programa Pró-Licenciatura, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, modalidade à distância, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Essa experiência é deflagradora e propulsora de discussões que incitam reflexões sobre a proposta realizada para nos ajudar a elaborar formas de compreender algumas das inquietações que norteiam esta investigação: como essa ação educativa impacta, reverbera e (re)constrói a minha prática docente e a prática docente de alunas/os/professoras/es participantes da investigação?

Palavras-chave: ação educativa, prática docente, arte contemporânea.

Abstract

In this text the emphasis will be given to the report of an educational experience held as part of an investigation that is being developed with students of the E-learning Teacher Training Degree Program in Visual Arts of Visual Arts School of the Federal University of Goiás. This experience is triggering and driving questionings that incite discussions over the developed educational proposals in order to elaborate ways of understanding some concerns that guide this investigation and that can be briefly expressed through the question: how these educational activities impact, reverberate and (re)build my teaching practice and the teaching practice of these students/teachers participants in the investigation?

Keywords: educational action, teaching practice, contemporary art.

QUEM SOMOS?

Começo esse texto narrando aspectos da minha formação docente e meu interesse em promover propostas educativas em espaços culturais, chegando à minha prática e interesses atuais: docente/participante/investigadora e aprendiz com as/os estudantes na modalidade à distância em um Curso de Artes Visuais. Percebo que a construção deste tipo de narrativa é complexa, visto que envolve situações anteriores e, portanto, remexe em fatos e circunstâncias que agregam nuances de como se viveu – e como se vive – experiências que são educativas, formativas, criativas.

Ouvindo o relato da professora Nilda Alves, ao proferir, em 2012, a aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG),

identifiquei-me com o seu depoimento: “a primeira vez que entrei na escola sabia que seria professora”. As palavras de Nilda me sensibilizam e me tocam profundamente porque, assim como ela, sempre desejei ser professora. Desde pequena, quando questionada pelos adultos sobre o que queria ser quando crescer, embora não conseguisse verbalizar claramente, talvez para não contrariar as expectativas de meu pai que sonhava ter uma filha médica, respondia para mim mesma: quero ser professora! Mas, minha atuação profissional começou de forma efetiva aos 15 anos (1985) quando alfabetizei “Vívía”, uma criança de 5 anos, filha da moça que trabalhava na casa de meus pais. Com várias ‘famílias’ de letras desenhadas, advindas da cartilha ‘Caminho Suave’, que ganhavam vida em uma folha de papel A4, ficávamos horas em um movimento contínuo de ensinar-aprender com os sons e desenhos das letras que nos permitiam formar as palavras.

Esta primeira experiência conduziu meus passos para uma escola privada da cidade de Anápolis (Goiás), ao final dos anos 80, quando iniciei a trabalhar com crianças de 6 a 8 anos. Permaneci nesta escola até 1994 quando minha família mudou para Goiânia. Vejo hoje que, em princípios da década de 90, e posteriormente já em Goiânia, trabalhando em uma escola infantil privada, propostas de ação educativa com crianças de 2 a 5 anos ficavam reduzidas às interações no próprio ambiente escolar. A minha preocupação era criar, de alguma maneira, espaços que possibilitassem uma aproximação física e lúdica com o ambiente na expectativa de também transformar o olhar, a experiência de ver era uma das minhas inquietações.

Minha atuação na escola me motivou a buscar uma formação pedagógica, situação que me levou, anos mais tarde, a fazer o Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Terminada esta etapa, outras questões e novos desafios me encaminharam a candidatar-me ao mestrado em Cultura Visual, incentivando-me a refletir e compreender minhas experiências na pesquisa, especificamente a minha prática docente orientada para construir interações dialógicas com arte contemporânea. Observei que nas visitas às exposições o contato com poéticas visuais contemporâneas provocava as/os estudantes a comentarem sobre o que viam, inter-relacionando os trabalhos com suas vivências e situações do cotidiano. Aos poucos, minha compreensão foi entrando em sintonia com a da noção de cotidiano “como tempo/espaço dilatado no qual se dá toda a vivência de um ser humano e a relação espaço-temporal na qual se dá essa vivência” (DIAS, 2012, p. 56).

Dando sequência ao interesse de entrecruzar ação educativa, arte contemporânea e formação de professores/as, hoje ministro disciplinas para alunos/as da licenciatura à distância no ambiente digital. Com o intuito de incitar discussões e reflexões a partir do contato com poéticas visuais contemporâneas não

apenas no ambiente digital, mas, também, em espaços culturais, elaboro experiências para promover pontos de encontro entre arte contemporânea, educação e docência. De forma colaborativa elaboramos quatro ações educativas, de 2009 a 2011, com estudantes do Programa Pró-Licenciatura do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância. Em 2012 ampliamos a proposta incluindo estudantes dos três programas ofertados no Curso de Licenciatura em Artes Visuais de Faculdade de Artes Visuais/UFG em parceria com o MEC: Programa Pró-Licenciatura, Programa UAB (Universidade Aberta do Brasil) e o Plano Nacional de Formação (PARFOR).

As/os estudantes desses programas são profissionais que em sua maioria já têm uma primeira graduação ou atuam como professoras/es de arte na rede pública, nos sistemas estaduais e municipais de educação. Uma especificidade das/os participantes do programa Pró-Licenciatura e PARFOR é que embora sejam responsáveis pela disciplina artes, estes professoras/es não têm formação institucionalizada na área. Outra especificidade que chama a atenção refere-se ao fato de que a grande maioria das cursistas é do sexo feminino na faixa etária situada entre os 20 e 65 anos.

Envolta em práticas pedagógicas e aprendizagens com essas/es estudantes em um contexto que sou docente e estou vivenciando diariamente suas conquistas e desafios, iniciei, também em 2012, o curso de doutorado no um Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Em contato com as disciplinas do Programa ampliei meu olhar para investigar a partir de outras dimensões metodológica que incluem e vão além da prática pedagógica: a interpretativa. Nesse sentido, reúno reflexões, proponho análises e teço avaliações dos processos de ensino-aprendizagem por meio de uma prática pedagógica que se articula como pesquisa interpretativa (STAKE, 2011).

Agrego aos pensamentos que me movem uma postura investigativa para questionar situações e compreender como ações educativas (no caso, especialmente aquelas vivenciadas em 2012) em diálogo com as poéticas visuais contemporâneas impactam, reverberam e (re)constroem a minha prática docente e a prática docentes dessas/es estudantes/professores/as. Agrego ainda, suspeitas e interrogações que, além de me reposicionarem, perturbam meu olhar sobre 'ensino', 'aprendizagem', 'interação', 'arte', 'experiência'. Perturbam-me, levando adiante provocações que os/as atores/as da pesquisa discutirão e analisarão – colaboradoras/es e eu - sobre como estas ações educativas em diálogo com as poéticas visuais contemporâneas motivam observações, transformações, e novos direcionamentos que se refletem na minha prática docente e, espera-se, na prática docentes desses alunos/as/professores/as.

ESPAÇO DE PERFORMANCE

Início um processo 'reflexivo' para gradativamente configurá-lo em 'interpretativo'. Desta forma, com a ênfase na última ação educativa (2012), coloquei-me na posição de participar como integrante do grupo/propositor, e, ainda, como professora/orientadora que incentiva a criação de significados e sentidos por meio da experiência. A ideia era estimular as/os estudantes do curso com uma proposta pedagógica fora do espaço escolar formal ou institucional da arte projetando diálogos com o mundo através de práticas/poéticas contemporâneas. Decidimos por uma ação performática que o próprio grupo protagonizaria. Decidimos, então, propor a criação de diálogos que nos ajudassem a pensar:

O que significa refletir a partir da experiência? Projetar um sujeito em formação que tem consciência de sua experiência de ser, que participa da produção de seu próprio saber e que se reconhece com capacidade de ação em companhia de outros" (HERNÁNDEZ e SANCHO, 2007,p.01).

Nessa perspectiva criamos a ação performativa denominada Espaço de Performance. A ideia do grupo/propositor para a realização desta ação foi promover um projeto que além de possibilitar a criação de espaços de deslocamentos os participantes pudessem experimentar a dissolução de fronteiras entre linguagens e transitar pelos espaços, visando, ainda, ampliar a noção de performance como procedimento que se prolonga também no participante (MELIN, 2008, p. 9). Tal noção também visava ampliar a ideia de espaço cultural como "um local de produção entre outros"(BOURRIAUD, 2009, p. 82).

Seguindo uma estrutura comum, organizada em etapas, conforme programamos desde a 1ª ação (2009) e buscando um processo de 'interação' e 'continuidade', em consonância com o pensamento de Dewey que afirma que "em uma experiência o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte da continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si" (2010, p.111), esta ação foi planejada da seguinte maneira: (a) reunião do grupo/colaborador/propositor com representantes do Araguaia Shopping, em Goiânia, local definido como 'espaço de performance'; (b) discussões sobre performance com as/os estudantes no ambiente digital; (c) palestra sobre performance e educação com o professor Dr. Arão Paranaguá, roda de conversa com o performer Luciano Mullins e com a coreógrafa Luciana Caetano; (d) encontro e participação dos/as estudantes num processo de performance no Terminal Rodoviário Araguaia Shopping; (e) diálogo e reflexões no ambiente digital de aprendizagem.

A diversidade das/os participantes nessa ação incluiu onze cidades polos: Alexânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Ceres, Firminópolis, Goiânia, Inhumas, Ipo-

rá, Jataí, Morrinhos e Rio Verde, totalizando 60 estudantes. Como a maioria das/os estudantes não reside em Goiânia pensamos que um bom lugar para o desenvolvimento dessa ação seria o Terminal Rodoviário Interestadual de Goiânia – Araguaia Shopping por ser um lugar que geraria metáforas com o verbo ‘transitar’, ‘passagem’, ‘encontros’, ‘desencontros’. Essa foi a tentativa que nos guiou: levar essas metáforas para situações que acolham sentidos sobre o cotidiano de cada participante. Nas palavras da professora/propositora/participadora Carla de Abreu (2012):

uma rodoviária, em geral, é um lugar que se posiciona entre o ônibus que sai e a cidade a que se deseja chegar, ou a cidade da qual se despede, mas, como sabemos, é muito mais que isso, é mais que simplesmente um lugar; são vidas que se cruzam, gente a passeio, a trabalho... gente que veio reencontrar alguém... gente que espera, se encontram; se perdem... ou simplesmente gente que está ali, para buscar um serviço ou fazer compras... Chegadas. Partidas. Cinema. Despedidas. Comércio. Encontros. Desencontros. A rodoviária de Goiânia é, sem dúvidas, um palco onde se desenrolam muitos enredos.

Pensar nos possíveis enredos que se desenrolam ou podem se desenrolar gerando zonas de compartilhamento de sensações, criadas nesse ‘espaço de performance’, nos ajuda a compreender que “todo objeto, ação ou discurso, inclusive as obras de arte, pode aliar-se à história de vida de alguém para produzir uma experiência, que pode ser estética ou não, mas de qualquer forma afeta a criação do eu” (AGUIRRE, 2010, p.153).

Após a definição do local partimos para o próximo passo: a negociação com a equipe do Araguaia Shopping, pois o Terminal Rodoviário Interestadual possui integração com o Shopping Araguaia. Por meio de um contato feito pela professora Carla de Abreu, consegui agendar uma reunião entre alguns membros do grupo/propositor e um representante da equipe de marketing do Shopping. Tendo ouvido a proposta, o representante do Shopping permitiu que as/os quase 70 participantes pudessem utilizar aquele espaço como lugar que acomodaria participantes neste processo de entrecruzamento de linguagens e de vivências ativamente desenvolvidas através de uma experiência ‘viva’ e compartilhada.

Associada à noção de ‘experiência viva’ (DEWEY, 1959) o Terminal Interestadual Rodoviário – Araguaia Shopping transformou-se em um espaço de encontro que, de alguma forma, deflagrou uma ‘sensibilidade coletiva’ por meio de uma experiência que “não é coisa rígida e fechada; é viva e, portanto, cresce” (DEWEY, 1959, p. 199). O espaço fomentou, ainda, espaços para narrativas singulares em processos de criação de sentidos para as vidas e singularidades de cada participante. Como integrante do grupo/propositor eu tenho claro que “a arte faz algo diferente de conduzir a uma experiência. Constitui uma experiência”

(DEWEY, 2011, p. 183) que entrecruza pensamento e sentimento “o primeiro para nortear a ação, o segundo para identificar as consumações visadas pela ação” (DEWEY, 2010, p. 11).

Os encontros do grupo/propositor para planejamento transformaram-se em lócus onde buscamos experiências e saberes, para articular pensamento e sentimento, refletindo sobre formas de transformá-los – de fazê-los parte - em uma proposta educativa. Antes da definição da proposta, para as discussões iniciais, essas/es estudantes tiveram acesso a uma sala no ambiente digital no moodle da FAV. A sala aberta em setembro foi organizada pela professora tutora do curso Joanna Penna e estruturada com textos sobre performance, vídeos da artista Marina Abramovic, exemplos de Flashmob (Figura 01), entrevista com o grupo Empreza, texto do professor Dr. Arão Paranaguá, fóruns de discussões e encaminhamentos para que as/os estudantes pudessem projetar a ação a ser vivenciada. Esse espaço no ambiente digital possibilita a criação de sentidos através de momentos reflexivos e de discussões gerados por situações e questionamentos que podem afetar os processos de ensino-aprendizagem para que as/os participantes sejam considerados/as sujeitos do seu conhecimento.



Figura 01- Sala no ambiente Virtual

Durante os dois dias de encontro após uma palestra com o professor Dr. Arão Paranaguá, uma roda de conversa com Cristiano Mullins e Luciana Caetano, o

grupo/propositor apresentou uma ideia inicial: a) divisão das/os atuantes em 4 filas para entrada em forma de “cortejo”; b) encontro das/os atuantes na área próxima da escada rolante para troca de dinheiro (notas impressas sem valor monetário) por abraços entre as/os participantes; c) cantar a música “Não Quero Dinheiro” de Tim Maia; e) saída das/os atuantes abraçadas/os e em grupos; f) ‘compra’ e ‘venda’ de abraços entre os participantes e transeuntes.

A proposta inicial apresentada teve apenas pequenos ajustes. Foi aprovada e acolhida pelos participantes. Vale ressaltar que o tempo de aprofundamento sobre a proposta foi exíguo, limitando a possibilidade de reestruturações e experimentações de novas/reformuladas ações. Durante a preparação, ensaios na Faculdade de Artes Visuais no período matutino, nós participantes acrescentamos movimentos e sons corporais para a entrada em cortejo com a intenção de chamar a atenção dos que estariam naquele ambiente da Rodoviária.

No processo, fomos impelidos a eliminar a troca de abraços entre as/os participantes e transeuntes, pois na sexta pela manhã, horas antes do encontro presencial, enquanto coordenadora da ação, tive que firmar um acordo com a gerência do Araguaia Shopping para que a ação não fosse cancelada. Essa era a condição para não perder o acesso ao espaço: concordar que não abordaríamos as pessoas no Shopping Araguaia. Decisão difícil e sem sentido para todas/os enquanto participantes na ação. Mas como, em um projeto de caráter pedagógico, em nome de uma Universidade, resistir às imposições de espaços que comungam da lógica capitalista? Sem dúvida, este é um tema para discussões futuras.

Em meio a essas discussões e sem respostas definidas retomamos as preparações, tanto vocal quanto gestual, em vários ‘ensaios’ consecutivos que aconteceram das 8h às 12h na manhã do sábado. Após negociações, assinaturas, autorizações para permissão do uso da imagem, partimos em um trajeto que incluiu um percurso de ônibus até o Terminal Interestadual Rodoviário – Araguaia Shopping, e às 13h estávamos criando o nosso espaço de performance.

Seguindo o ‘roteiro’ pré-estabelecido adentramos organizados em duas grandes fileiras percorrendo os corredores do Shopping Araguaia para o grande encontro na área central, ao lado das escadas rolantes. Ao final da performance algumas participantes abordaram as pessoas que ali estavam transitando para estimular/provocar a participação de alguns poucos transeuntes, trocando abraços pelas notas sem valor monetário. Mas a ‘atuação’ não se esgotou dentro da área combinada e transbordou para o lado de fora, na calçada, em um ponto de ônibus, onde repetiram a ação por várias vezes (Figura 02). Para uma das participantes “o que fizemos do lado de fora do espaço definido teve um valor

e um peso muito maior, pois lá não havia regras impostas, éramos puramente sensíveis e receptivos ao nosso redor” (depoimento de uma participante, 2012).



Figura 02 – Participantes do lado de fora lado de fora, na calçada, em um ponto de ônibus.

Na visão de Dewey (1980) aprende-se a pensar colocando o pensamento em prática. Posso afirmar que com essa vivência, colocar o pensamento em prática significou (re)descobrir e (re)construir ideias e conceitos em torno de emoções e sensações que constituem ‘qualidades’ de uma experiência (DEWEY, 1980). Experiência que nos conduz a refletir em consonância com o pensamento de Veiga-Neto que indaga: “reflexão - que significa essa palavra senão olhar para dentro de si mesmo?” (2002, p. 24).

É uma forma de experimentar a “predisposição a reconhecer a complexidade dos seres humanos e a assumir a multiplicidade de vozes que atuam no interior de cada um, uma atitude que leve a abordar a experiência em disposição de se deixar penetrar pelo fato experimentado” (AGUIRRE, 2011, p.96). Esta condição tem nos ensinado a ver o mundo não como uma realidade estática, mas como um lugar a ser construído, onde estou e participo, colocando, sob suspeita, as certezas instauradas pela ciência moderna:

esse curso aos poucos vai nos abrindo as nossas cabeças e fazendo com que pensemos diferente em tudo que temos “certeza” em nossas vidas, pois lá na rodoviária escutei até que éramos loucos em realizar aquela performance que no final deu certo (depoimento de uma participante, 2012, ambiente digital).

Estas reações, emoções e sensações deflagradas são necessárias para a (re)construção de nossas experiências como professoras/es de arte, permitindo

que revisitemos nossas práticas de aprendizagens, situações que exigem de nós reflexões críticas e transformadoras. Reflexões que nos ajudem a desmitificar relações hierárquicas e o papel do artista consolidadas no modernismo:

...quão grande foi a minha surpresa ao perceber que nós alunos/as é que seríamos os/as protagonistas e artistas principais desta proposta. Uma coisa é você ver ou assistir um grupo se apresentando, outra coisa é você fazer parte desse grupo (depoimento de uma participante, 2012, ambiente digital).

A criação de ações como essa, com formação desses espaços, e que possam comungar de exemplos de performance para produzir reflexões sobre “o alargamento da experiência artística, interessada na transformação dos processos de arte em sensações de vida” (FAVARETTO, 2012, p. 76) torna-se necessário para criar uma aproximação crítica entre arte e vida, levando em conta, as visões de mundo que estamos construindo para nos ajudar a exercer uma compreensão crítica em busca de uma “mobilidade de olhar” (MARTINS E TOURINHO, 2011, p.63).

NARRATIVAS E PERFORMAÇÕES: DESENHANDO CAMINHOS INTERPRETATIVOS

A oportunidade de uma experiência artística alargada, de entrecruzamentos entre arte e vida que operem uma mobilidade de olhar faz possível provocar e acolher palavras, ideias, reações e sentimentos que deixam transfigurar mundos, possibilitando aproximações com a subjetividade dos indivíduos e, em decorrência, o desenvolvimento da capacidade e compreensão crítica como um processo contínuo de aprender a aprender. Favaretto defende a ampliação do campo crítico juntamente com a compreensão artística, contribuindo para a construção de diferentes prismas de visão e projetando experiências “em que se pode deparar com os modos de ser, com as maneiras de viver, que vão dos comportamentos aos procedimentos políticos” (2012, p. 72). Com a intenção de implementar mudanças nas propostas da escola, desejo que tem acompanhado minha prática docente desde meus primeiros anos de atuação como professora e segue me desafiando como profissional, tenho investido em experiências que favoreçam a produção de subjetividades e significações para as nossas ações em espaços de performances.

Como caminho interpretativo de forte potencial no fortalecimento das relações entre docência, arte contemporânea e ação educativa, as narrativas podem oferecer e permitir sentidos e significados às experiências e reflexões geradas na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação (SCHÖN, 2000). Estes são

processos que podem nos ajudar a compreender a nossa própria prática docente, uma vez que deflagram momentos para construção e reconstrução do conhecimento em nosso processo formativo enquanto professoras/es. Nesse sentido, acreditamos que narrar essas experiências é ponto de partida para pensar em nossa própria prática docente, mas é, também, fonte para autoconhecimento e forma de potencializar nossas experiências por meio de uma análise crítica que vise compreender e questionar situações estabelecidas pelo contexto no qual estamos envolvidas/os.

As interpretações nos darão subsídios para refletir sobre visões e sentidos que alunos/as e pesquisadoras constroem sobre essas experiências visando discutir e propor questionamentos sobre os quais esta investigação tem se debruçado e que está concentrada numa indagação explicitada no início deste texto: como ações educativas impactam, reverberam e (re)constroem minha prática docente e a prática docente de alunas/os/professoras/es participantes da investigação?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Imanol A. Questões Multiculturais para o ensino da arte. In: Licenciatura em Artes Visuais: módulo 7. Goiânia: FUNAPE, 2010.

_____. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. In MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

DEWEY, John. Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo (uma reexposição). 3. ed. Tradução: Haydée de Camargo Campos. São Paulo: Nacional, 1959.

_____. Vida e Educação. 2.ed. Trad. de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio S. Teixeira e Leônidas Contijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural. 1980. Col. Os Pensadores.

_____. Arte como experiência. 1.ed. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Coleção Todas as Artes.

FAVARETTO, Celso F. Deslocamentos: entre a arte e a vida. Disponível em: <<http://abrestetica.org.br/deslocamentos/a05.swf> > Acesso em: 25 outubro 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando e SANCHO, Juana Maria. A formação a partir da experiência vivida. Disponível em http://www.revistapatio.com.br/numeros_antteriores_conteudo.aspx?id=496 .Acesso em: 02 setembro de 2011.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011.

MELIN, Regina. Performance nas artes visuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

SCHÖN, Donald. Educando o profissional reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (Prefácio e Parte I, caps I e II). P. 12-42.

STAKE, R. Pesquisa Qualitativa – estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... Em: COSTA, Marisa Vorraber (org.) Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002, p. 23-38.

Minicurrículo

Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral é Professora Assistente da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, docente e coordenadora pedagógica (2012) do Programa de Extensão Arte na Escola-Goiás. É mestre em Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e doutoranda em Arte e Cultura Visual pelo mesmo Programa.